



Bullying nas Instituições de Ensino Superior: Revisão Sistemática

Maria do Socorro Vieira Gadelha¹, Ranyelson Lucas Matias Santos², Maria Eduarda do Nascimento Ferreira³,
Diego Oliveira Costa⁴, Maria Luana Araújo⁵, Joaquim Iarley Brito Roque⁶

Resumo: O fenômeno *bullying* é caracterizado como uma forma de violência a um indivíduo mais fraco ou em desvantagem em relação ao agressor de forma repetitiva ou crônica. Foi realizada uma pesquisa de revisão sistemática abordando o bullying no contexto universitário, utilizando os descritores “bullying” e “universities”, no período de 2009 a 2018. Selecionou-se artigos científicos mediante pesquisa eletrônica indexados em bases de dados como Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, Education Resources Information Center, Periódicos Eletrônicos de Psicologia, Scientific Electronic Library Online, Serviço da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos para acesso gratuito ao Medline. Foram selecionadas 769 publicações científicas, entretanto apenas 54 delas apresentavam os critérios de inclusão na pesquisa. Geralmente, as vítimas do bullying possuem traços diferenciados de orientação sexual e/ou identidade de gênero, sofrem de violência psicológica, passando por situações de humilhação e perseguição. O comportamento das pessoas que promovem o bullying violam os direitos do ofendido, incidindo em dano moral e favorecendo as vítimas a requererem judicialmente seu devido ressarcimento.

Palavras-chave: Bullying; Revisão Sistemática; Infração; Universidade.

Bullying in Higher Education Institutions: Systematic Review

Abstract: The bullying phenomenon is characterized as a form of violence to an individual who is weaker or disadvantaged in relation to the aggressor in a repetitive or chronic way. A systematic review was conducted addressing bullying in the university context, using the descriptors "bullying" and "universities", from 2009 to 2018. We selected scientific articles by electronic research indexed in databases such as Latin American Literature and the Caribbean in Health Sciences, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, Education Resources Information Center, Electronic Journals of Psychology, Scientific Electronic Library Online, National Library Service of Medicine of the United States for free access to Medline. A total of 769 scientific publications were selected, but only 54 of them presented the inclusion criteria in the research. Generally, victims of bullying have distinctive traits of sexual orientation and / or gender identity, suffer from psychological violence, and are subjected to humiliation and persecution. The behavior of the people who promote bullying violate the rights of the offended, focusing on moral damages and favoring the victims to request in court their due reimbursement.

Keywords: Bullying; Systematic review; Infringement; University

¹ Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina do ABC. Mestre e Doutora em Zootecnia pela Universidade Federal do Ceará e Especialista em Técnicas de Diagnóstico em Patologia Aviária pela Universidade do Chile. É graduada em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Ceará. Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (Unileão) em Juazeiro do Norte - CE. Professora efetiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri (UFCA). socorro.vieira@ufca.edu.br;

² Acadêmico de Medicina pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), Barbalha, Ceará. Brasil. matiasranyelson@gmail.com;

³ eduardanf40@gmail.com

⁴ diegooliveiracostal@gmail.com

⁵ luana-ara@hotmail.com

⁶ Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, Brasil. Professor do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil. joaquimiarley@leaosampaio.edu.br;

Introdução

O bullying é um fenômeno antigo que foi ignorado durante muito tempo, despertando pesquisas e estudos ao seu respeito apenas a partir de 1980. A grande maioria das vítimas não busca ajuda com profissionais de saúde principalmente por vergonha de admitir as ofensas a que fora submetido ou por medo de represália do agressor (Miranda et al., 2012).

Diversos estudos reportaram que tanto os agressores quanto as vítimas de bullying são, em maior parte, do sexo masculino. No entanto, há também estudos defendendo que a variação entre os gêneros é devido ao tipo de agressão praticada, sendo a prevalência do bullying equivalente entre homens e mulheres. Assim, conforme Perry et al. (2001), os meninos são alvos principalmente de violência física, enquanto as meninas são de violência psicológica, como fofocas e exclusão social. Além disso, existe uma redução geral da ocorrência de bullying do nível escolar ao acadêmico, o que pode estar relacionado à idade dos indivíduos ou ao grau de escolaridade (Ramos-Jiménez, 2017).

Neste cenário, o bullying se apresenta como um fenômeno social complexo, com características próprias que o diferencia de outros atos violentos. A importância de se estudar o fenômeno decorre do aumento da incidência da violência no ambiente escolar nas últimas décadas. Apesar disso, existe carência de informações acerca desta temática envolvendo o ambiente estudantil das instituições de ensino superior. Desta forma, faz-se necessário a realização de uma pesquisa descritiva sobre esta temática, envolvendo os diversos fatores relacionados ao comportamento e a tomada de atitudes dos universitários.

O presente projeto tem por objetivo geral realizar um estudo de revisão sistemática abordando o fenômeno bullying no contexto universitário, enfocando os principais fatores biopsicossociais, no período de 2009 a 2018.

Métodos

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, a qual identifica, seleciona, coleta dados, analisa e avalia criticamente estudos sobre um determinado assunto, a partir de uma pergunta norteadora, que obedece a métodos sistemáticos e explícitos. O protocolo da pesquisa foi mapeado de acordo com os critérios apresentados a seguir (MUÑOZ et al., 2002). No

desenvolvimento da proposta metodológica, seguiram-se as três etapas seguintes: (a) planejamento e formalização, (b) condução e execução e (c) sumarização.

A coleta das informações foi conduzida utilizando os seguintes bancos de dados: (1) Biblioteca Virtual em Saúde - BVS, que abrange Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE); (2) Education Resources Information Center - ERIC; (3) Periódicos Eletrônicos de Psicologia - PePSIC; (4) Scientific Electronic Library Online – SciELO; (5) Serviço da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos para acesso gratuito ao Medline (PubMed).

O intervalo de busca dos dados envolveu o período de 2009 a 2018, com o intuito de responder a seguinte questão norteadora: “De que forma o fenômeno *Bullying* se caracteriza em uma universidade?” Foram empregados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “bullying” e “universities”, determinados a partir da base de dados da BIREME que apresenta o vocabulário adequado contido nos artigos indexados. A busca integrada foi realizada unindo os descritores com o conectivo “AND”.

Realizou-se uma apreciação inicial com base nos títulos dos trabalhos científicos e/ou nos resumos que se enquadrem nos critérios de inclusão ou que necessitem de melhor avaliação para ter certeza da sua exclusão. Os critérios de inclusão abrangeram os seguintes parâmetros: (a) abordavam tema central do estudo; (b) artigos completos publicados no período de 2009 a 2018; (c) disponíveis *free on line*; (d) digitalizados no idioma português, inglês ou espanhol (e) descrição da metodologia empregada; (f) apresentação consistente dos resultados encontrados.

Após esta etapa, todos os artigos selecionados foram obtidos na íntegra e posteriormente examinados de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos. Nos casos em que a leitura do resumo não era suficiente para estabelecer se o artigo deveria ser incluído, considerando-se os critérios de inclusão definidos, o artigo foi lido na íntegra para determinar sua elegibilidade. Quando o resumo dos artigos selecionados era suficiente, a versão integral para confirmação de elegibilidade e inclusão no estudo era obtida. Foram excluídos da pesquisa todos os artigos que se enquadravam nos critérios: (a) revisão de literatura, sistemática ou meta-análise; (b) comentários; (c) não abordavam o tema central; (d) relatos de casos; (e) artigos repetidos; (f) não disponíveis *free* na internet; (g) correspondência.

Os dados foram compilados no programa computacional Microsoft Office Excel e as informações analisadas correlacionando os parâmetros estudados. O processo de síntese dos dados foi realizado por meio de uma análise descritiva dos estudos selecionados, sendo o produto final da análise apresentado de forma narrativa.

Resultados

Na análise da busca de dados foram selecionados um total de 769 publicações científicas, entretanto apenas 54 delas apresentavam os critérios de inclusão pré-definidos na pesquisa. O fluxograma de Moher (2009) mostra, de forma detalhada, esse processo, de acordo com o modelo do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (Figura 1).

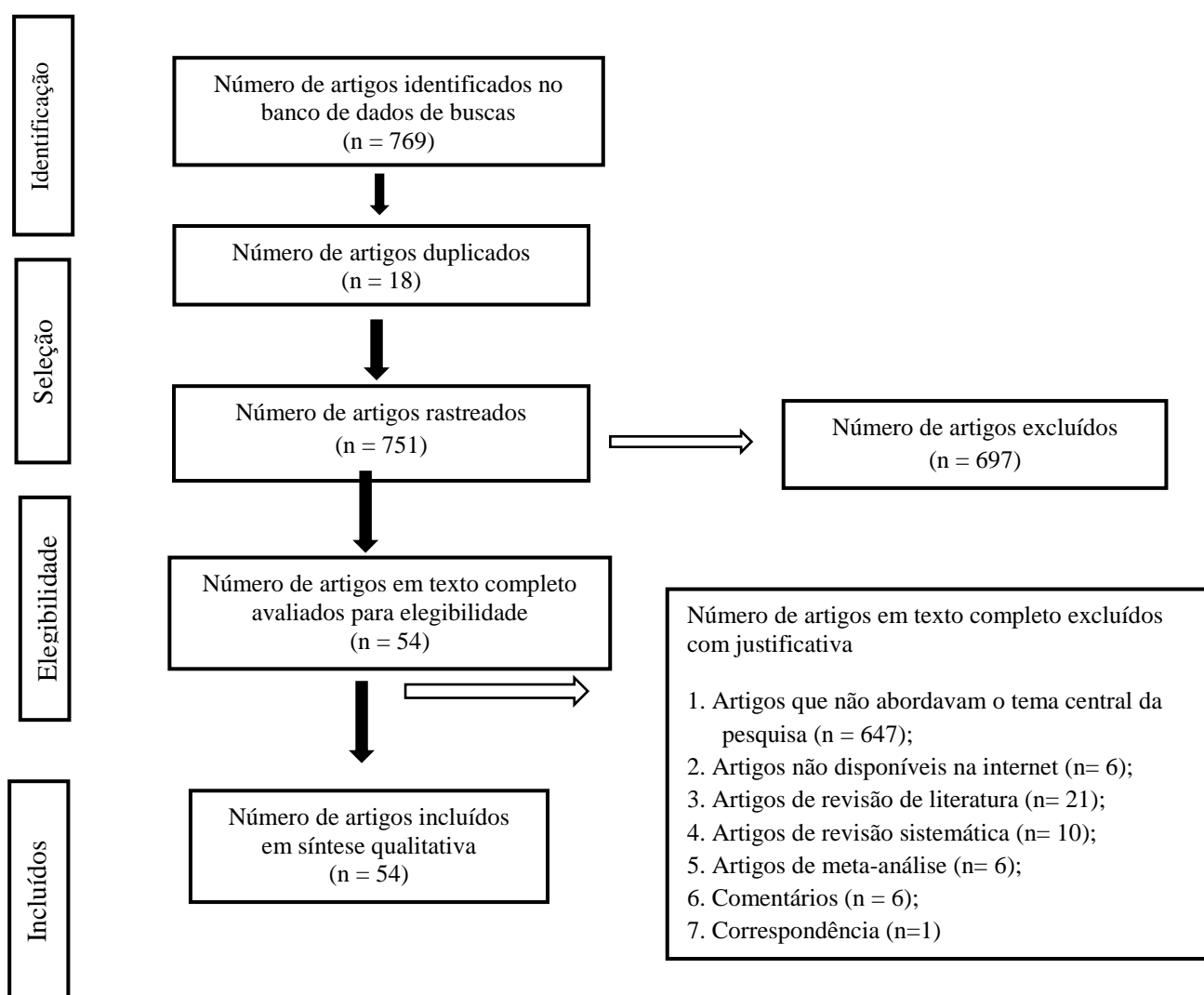


Figura 1. Fluxograma da pesquisa bibliográfica e critérios de exclusão dos artigos analisados

Na busca de publicações entre os anos 2009 a 2018 verificou-se que houve uma média anual de dois trabalhos entre 2009 a 2011, de seis trabalhos entre 2012 a 2014. Entre os anos de 2015 a 2018 houve um maior número de publicações nessa temática, totalizando 29 estudos. Os resultados produzidos por meio da análise dos artigos selecionados se encontram sintetizados na Tabela 2.

Tabela 1. Artigos selecionados de pesquisas realizadas na América do Sul.

Autor e Ano	Amostra	País	Resultados principais
Silva et al., 2017	Dos 102 sorteados, 79 docentes da Universidade Federal de Minas Gerais responderam a pesquisa.	Brasil	A ocorrência de bullying na universidade não foi percebida por mais de 50% dos professores. Apenas 28% admitiram que seus atos teriam desencadeado sofrimento psíquico no estudante.
Toirkens-Niklitschek et al., 2017	Amostra não probabilística de 322 estudantes, abrangendo carreiras de saúde da universidade.	Chile	A evidência é fornecida em favor da validade e confiabilidade do OES-A para avaliar o ostracismo em estudantes no Chile.
Donohue et al., 2016	Amostra constituída por 63% dos alunos matriculados no sexto ano da Faculdade de Medicina.	Peru	Comportamentos violentos foram mais prevalentes entre os estudantes, sendo o comportamento de agressão verbal (expressar-se mal) foi de 40,8%.
Nunes; Tolfo, 2012	O questionário foi respondido por 279 participantes (60,9% docentes e 36,6% técnico-administrativos) com idade média de 45 anos.	Brasil	Participantes (47,7%) afirmaram que a prática de assédio na universidade é comum e que 80,6% dos entrevistados não identificam a existência de uma política de prevenção e combate ao assédio na instituição.
Reátiga, 2009	No total foram 648 alunos recém-admitidos de 13 diferentes programas acadêmicos.	Colômbia	Verificou-se que 41,8% recorda que era um observador da situação; 12% ter sido o autor do crime; 4,8% da amostra sendo a vítima e 13% foi vítima e agressor.
Albuquerque; Williams, 2015	No total, 691 universitários responderam à Escala sobre Experiências Traumáticas em Estudantes.	Brasil	Escores clinicamente significativos variaram de 4,7% a 20%, sendo frequentes sintomas resultantes de vitimização, como: depressão, desesperança, dificuldades cognitivas e rememoração do evento traumático.
Miranda et al., 2012	Participaram da pesquisa 456 acadêmicos da Universidade Federal de Rondônia.	Brasil	As manifestações de bullying ocorrem, principalmente, nas salas de aula (6,1%). Também foi observado que 32% afirmaram já ter passado por uma situação que considerou humilhante ou constrangedora por parte dos docentes.

Williams et al., 2011	Uma amostra de 81 estudantes respondeu ao Questionário sobre Alienação e Trauma em Estudantes – Revisado.	Brasil	Em torno de 89% dos participantes sentiram nervosismo, raiva, tristeza, solidão e lembrança do fato ocorrido, enquanto 38% da amostra apresentaram quadro sugestivo de Transtorno de Estresse Pós-Traumático.
Ruiz-Ramírez et al., 2017	Aplicou-se um questionário a 112 estudantes (43 mulheres e 69 homens).	México	Os estudantes têm sido vítimas de manifestações de bullying dos tipos psicológicos, verbais, físicos, em redes cibernéticas e sociais. As vítimas e os acusados consideram que a principal manifestação do bullying que recebem ou fazem é a psicológica.
Ortega; Lozano; Tristancho 2016	A amostra constitui 571 estudantes universitários.	Colômbia	A prevalência de bullying foi 11,11%, e resultou mais frequente no sexo feminino, em alunos mais jovens, homossexuais. As causas com maior frequência de vitimização foram: orientação sexual (28,6%), aparência do corpo (16,2%), raça (6,8%), religião (2,5%), região da origem (1,7%).
Trujillo; Romero-Acosta, 2016	No estudo participaram 64 estudantes de psicologia.	Colômbia	A pesquisa descobriu que grupos com alto nível de comportamento pró-social mostraram baixos níveis de agressão e vitimização.
Ríos; Martínez; Mackenzie 2012	Amostra composta de 153 mulheres e 65 homens, com idades variaram entre 17 e 45 anos de idade.	Colômbia	Os resultados indicaram que ao iniciar sua formação universitária, os jovens se identificam na sua maioria como testemunhas (80%), nenhum como vítima ou agressor.
Villaça; Palácios, 2010	Foram entrevistados seis alunos em cargo de representação e 11 professores em cargo de chefia.	Brasil	Os resultados evidenciaram a ocorrência de diversas situações de abuso, especificamente durante o trote universitário.
Silva; Rosa, 2013	Foram entrevistados seis professores de uma escola municipal e seis licenciados de uma universidade.	Brasil	Foi identificado que os participantes tiveram dificuldade em definir o bullying e de caracterizar sua abrangência na escola.

Discussão

1. Conceituação do *Bullying*

O termo “*bullying*” deriva do verbo da língua inglesa “*to bully*” que significa intimidar, ameaçar, oprimir. Esse evento pode ser caracterizado como uma forma de violência a um indivíduo mais fraco ou em desvantagem em relação ao agressor de forma repetitiva ou crônica.

A agressão pode ser dos mais variados aspectos, sejam eles físico, verbal, sexual e/ou relacional (Albuquerque & Williams, 2015), embora Paredes et al. (2010) tenha descoberto que a intimidação por humilhação e a verbal são as formas mais recorrentes.

É um fenômeno antigo que foi ignorado durante muito tempo, despertando pesquisas e estudos ao seu respeito apenas a partir de 1980. A grande maioria das vítimas não busca ajuda com profissionais de saúde principalmente por vergonha de admitir as ofensas a que fora submetido ou por medo de represália do agressor (MIRANDA et al., 2012). Nesse contexto, Donohue et al. (2015) demonstraram que a comunicação dos problemas ocorria principalmente com amigos e em menor grau com a família, fatores que dificultam a identificação do problema e a busca por soluções.

Williams (2011) reportou que os alvos de bullying apresentam com maior frequência sentimentos de nervosismo, raiva, isolamento do agressor, tristeza, pensamentos intrusivos, solidão e hipervigilância. Outro estudo também revelou que a ocorrência de reações agressivas por parte das vítimas como forma de retaliação ao dano sofrido, sendo esse comportamento mais recorrente em situações de bullying homofóbico (ALBUQUERQUE & WILLIAMS, 2015). Nesse mesmo contexto, Rospenda et al. (2015) demonstrou que o bullying pode, inclusive, aumentar as chances das vítimas passarem a fazer uso de álcool ou aumentar a ingestão daqueles que já bebiam.

2. Formas de Manifestação do *Bullying*

O bullying, independente de sua apresentação, tem em suas raízes o desejo de poder e, implicitamente, de causar danos ao outro (Donohue et al., 2016) podendo se manifestar de qualquer uma das seguintes formas (Sánchez et al. 2015): física, verbal, relacional e indireta.

A forma de bullying que mais se manifestou dentro do ambiente universitário foi à agressão verbal. Essa forma é frequentemente usada em todo o mundo pelos estudantes como resultado de raiva motivada por apelidos, para se expressar de uma maneira ruim, para responder de maneira desafiadora ou para fazer desenhos ofensivos (QAMAR, KHAN, KIANI, 2015; DONOHUE et al., 2016; RÍOS; MARTÍNEZ, MACKENZIE, 2011; TRUJILLO E ROMERO-ACOSTA, 2016).

Em sua maioria, a violência verbal se caracteriza por insultos, apelidos ou ridicularização (ORTEGA, LOZANO, TRISTANCHO, 2016). Em um estudo Ríos, Martínez e Mackenzie (2012) verificaram que, no contexto universitário, os indivíduos do sexo feminino

se autodenominam como as mais importantes agressoras nas modalidades ignorar (46,7%) e falar mal de outra pessoa (20%), enquanto os indivíduos do sexo masculino colocam apelidos (29,6%) e insultam (14,8%) mais que as mulheres.

Seguido da agressão verbal, o tipo de violência que mais se destaca é a violência psicológica que é caracterizada por situações humilhantes, perseguição, comentários, alterações ou exclusão (ORTEGA; LOZANO; TRISTANCHO, 2016; RÍOS; MARTÍNEZ; MACKENZIE, 2011). Esse comportamento está presente até no ambiente de residentes e participantes de programas de bolsa de estudos, onde as atitudes mais frequentemente endossadas, destacadas por Chadaga, Villines e Krikorian (2016) foram tentativas de menosprezar e minar o trabalho e críticas injustificadas e o monitoramento do trabalho (44% cada), seguidos por insinuações destrutivas e sarcasmo (37%) e tentativas de humilhar (32%).

Em menor proporção está à violência física (Ríos, Martínez, Mackenzie, 2011, Ortega, Lozano, Tristancho, 2016), que é caracterizada principalmente por empurrões e golpes, esconder e apropriar-se de algo, sendo também observada entre os professores quando estes não permitem o acesso a espaços e material (DONOHUE et al., 2016). Ao comparar os índices de violência verbal e física, Trujillo e Romero-Acosta (2016) observaram que a maior prevalência de agressão verbal dentro da universidade se deve ao fato de que os estudantes tendem a ser pré-adultos, que não são mais tão impulsivos em termos de descontrole físico.

Ortega, Lozano e Tristancho (2016), em um estudo sobre fatores associados ao bullying nas instituições de ensino superior, elaborado a partir de questionários recebidos de 571 estudantes universitários, ressaltaram que, apesar de apenas 5,7% das vítimas afirmarem ter recebido bullying através das redes sociais, notou-se que a violência cibernética foi o tipo de assédio que os agressores repetiram com mais frequência. É válido ressaltar que é bastante comum mascarar o cyberbullying identificando-o apenas como uma simples piada, entretanto, Usta (2017) ressaltou que o comportamento de bullying e piadas são conceitos que não devem ser confundidos.

3. Personagens do *Bullying*

Uma série de elementos favorecem os indivíduos a se tornarem alvo do bullying. Esses indivíduos tem um perfil contrário ao do agressor, sendo mais fracos, jovens e com dificuldade de socialização. Assim, grupos étnicos minoritários e indivíduos com características que fogem do padrão, tais como, excesso de peso e menor proficiência na língua oficial do grupo, são mais

vulneráveis a esse tipo de violência (DE WET, 2013). As vítimas geralmente são pessoas com baixa autoestima e recebem menos apoio social dos amigos, são mais introvertidos e socialmente isolados (LAMPRIDI 2015). É válido ressaltar, ainda, que as vítimas do bullying não costumam provocar o agressor diretamente, mas este detecta suas vulnerabilidades e inicia os ataques.

Smith, Rigby e Pepler (2004) reportaram que as vítimas do bullying são classificadas em dois grupos: passivos e ativos. O grupo passivo é o predominante e se caracteriza por indivíduos que não respondem aos ataques sofridos e sofrem silenciosamente, sem defesa. O ativo é menos comum e se caracteriza por indivíduos que têm um comportamento irritante e provocador, o que acaba estimulando a rejeição por parte dos colegas. Nesse contexto, Wensley e Campbell (2012), relataram que os jovens, na posição de vítimas de bullying, têm maiores chances de desenvolver consequências negativas à saúde mental ou agravamento de características já existentes, dentre eles o aumento dos níveis de ansiedade, os sintomas depressivos, a baixa autoestima, o isolamento social e solidão, queixas psicossomáticas, ideação suicida e as tentativas de suicídio. Bejerot, Edgar e Humble (2010) reportaram que indivíduos com funções motoras reduzidas apresentam mais de três vezes o risco de sofrer bullying.

Villaça & Palácios (2010), realizando um estudo no ambiente universitário, verificaram que os calouros são um dos principais alvos de bullying, especialmente durante os trotes que marcam o início do curso, mas as agressões não se restringem a esse período e perpetuam ao longo do tempo. O trote universitário, mesmo quando ocorre de forma solidária, não deixa de ser uma forma de bullying, em que a vítima muitas vezes o tolera para não ficar antipatizado pelo grupo (MIRANDA et al., 2012). Essa forma de manifestação merece atenção, pois a violência, sob a forma de excessos cometidos durante o trote universitário, é percebida como corriqueira: é normal haver brigas abusivas entre calouros e veteranos (VILLAÇA, PALÁCIOS, 2010). Em adição, o professor também pode ser um alvo do bullying, como relatado pelo resultado da pesquisa de Smith (2007) em que professores que reprovavam ou aplicavam notas baixas aos seus alunos sofriam bullying.

Em um estudo realizado por De Wet (2013), buscou-se traçar um perfil do agressor, também designado como “valentão”, sendo verificado que ele é frequentemente descrito como impulsivo, popular, rígido e com rendimento educacional abaixo da média. Além disso, Lopes Neto, (2005) reportou que determinadas condições familiares também podem despertar a agressividade nos seus integrantes, tais como a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou de permissividade e a prática de maus-tratos físicos.

Esses resultados estão de acordo com os revelados por Quezada et.al (2015), que verificaram que jovens que vivem com apenas um dos pais são mais propensos a se tornarem agressivos.

Lampridi (2015), realizando uma pesquisa sobre o fenômeno cyberbullying, constatou que agressores desse tipo de bullying são indivíduos com menores níveis de afetividade, empatia cognitiva e global. Nessa temática, Walrave & Heirman (2011) descobriram que aqueles indivíduos com um maior status socioeconômico e que gastam mais tempo navegando na internet são mais propensos a se tornarem agressores. Ademais, Ybarra & Mitchell (2004) demonstraram que essas pessoas estão mais frequentemente envolvidas em comportamentos inadequados, tais como assaltos, roubos e uso de álcool e tabaco.

Existem outros participantes que estão ligados, direta ou indiretamente, ao bullying, sendo eles os espectadores. (COWIE & MYERS, 2014). Lopes Neto (2005) constatou que esse grupo é constituído de cidadãos que, geralmente, não se envolvem diretamente nas agressões, mas são expectadores sem interferir por medo de também serem agredidos ou por não saberem como agir, ainda que muitos deles desaprovem a atitude dos valentões. No entanto, há alguns deles que participam ativamente do bullying por meio do incentivo ao agressor, estimulando a continuação da violência, ou por meio da defesa da vítima, buscando interromper a agressão.

4. Fatores Associados ao *Bullying*

As universidades abrangem indivíduos com características diversas, quer sejam físicas, psicológicas, comportamentais, sociais, econômicas, étnicas ou culturais. Nesse contexto complexo e diverso, tanto o bullying tradicional quanto o virtual podem ganhar espaço no meio acadêmico, uma vez que a coexistência, quando patológica, das diferenças é um fator que predispõem à ocorrência de bullying. Nesse sentido, o bullying engloba múltiplos fatores envolvendo os próprios personagens e o contexto familiar, social e institucional em que convivem (AHMED, BRAITHWAITE, 2012; SWEARER et al., 2010).

Vergel, Martínez e Zafra (2016), realizando um estudo sobre o fenômeno bullying em instituições do ensino superior, constataram que os principais fatores de risco para as vítimas foram o perfil da vítima, o tipo e a forma de assédio, a reação familiar indiferente aos avisos da vítima, o tempo gasto no trabalho pelos pais, a percepção dos jovens à intervenção de professores ou diretores e fazer parte de grupos minoritários. Em relação aos agressores os autores destacaram a situação de poder, ter amigos que pertencem a grupos ou comunidades,

reação permissiva de parentes ou diretores, percepção da ineficácia das normas punitivas, apoio das associações estudantis, histórico escolar negativo, consumo de substâncias psicoativas, convivência com um único pai e tempo gasto no trabalho pelos pais, no caso de jovens com menos de 20 anos de idade.

Comumente, as vítimas do bullying possuem traços diferenciados como a orientação sexual e/ou a identidade de gênero, as tornando-as suscetíveis à violência (ALBUQUERQUE, WILLIAMS, 2015). Segundo Vergel, Martínez e Zafra (2016), as causas mais frequentes de bullying são a orientação sexual (28,6%), aparência do corpo (16,2%), raça (6,8%), religião (2,5) e região de origem (1,7%). Segundo os estudantes, em algumas universidades, os principais grupos que sofrem bullying são mulheres, LGBTs e deficientes físicos (LAWLER & MOLLUZZ, 2015). Nesse contexto, outro estudo realizado por Ruiz-Ramírez et al (2017) mostraram resultados significativos para a violência de gênero, uma vez que em virtude dos padrões de gênero, as mulheres são classicamente vítimas da violência pelo simples fato de serem mulheres e serem vistas como objetos sexuais.

Quando se trata de cultura e bullying, Nabuzoka (2003) evidenciou para a variedade comportamental dos estudantes advindos de países e culturas ímpares. Isso explica o fato de que a própria cultura está relacionada à questão do bullying, uma vez que diferentes culturas possuem religiões e crenças heterogêneas, sendo, portando, um preditor para o cyberbullying (CELIK; ATAK; ERGUZEN, 2012). Paralelamente, Ruiz-Ramírez et al (2017) revelaram que indivíduos do sexo masculino são mais expostos ao bullying. Isso porque na cultura mexicana, sobretudo no meio rural, a masculinidade, força e poder têm que ser expressos aos companheiros e companheiras, e, dessa forma, os homens passam a fazer bullying como forma de ganharem o status de “machos”. Assim, conseguindo o domínio e segurança, os homens têm as mulheres ao seu lado, uma vez que seguindo os estereótipos de gênero, as mulheres precisam ser protegidas pelos homens (ROSALVA; ROSARIO, 2016).

O aspecto cultural também pôde ser notado na pesquisa realizado por Igbneweka, Iguodala e Anukaenyi (2016) em universidades da Nigéria, onde a presença de grupos cultistas foi apontada como outro fator de risco para a ocorrência de práticas abusivas, violentas e desrespeitosas. Os grupos geralmente atacam estudantes que competem com eles por vagas na universidade, além de assediarem estudantes femininas, professores e administradores universitários. Quanto ao estrato familiar, filhos criados por um pai só, especialmente pelas mães, tem uma maior propensão a comportamentos violentos, uma vez que quando um dos pais falta, os jovens recorrem a tais atitudes como forma de sobrevivência (QUEZADA,

NAVARRO, LÓPEZ, 2015). De acordo com estudos de Sánchez et al. (2016), boa parte das vítimas do bullying tradicional e da provocação cibernética era proveniente de famílias com poucas condições financeiras.

5. *Bullying*: Conflitos com a Lei e Condenações

Ao longo dos anos, as universidades vêm tentando alterar as práticas receptivas de novos alunos, apesar disso ainda são retratadas em todo o Brasil situações de grande violência envolvendo trotes. “Um dos casos que ganhou grandes proporções na mídia foi o de um estudante que morreu afogado durante trote realizado na piscina do campus da Faculdade de Medicina da USP em 1999” (MIRANDA et al., 2012, p. 115). Existem os casos envolvendo racismo que também levam os universitários a praticarem bullying. No Brasil, em 2007, supostos vândalos atearam fogo à porta do alojamento de quatro alunos africanos na Casa do Estudante Universitário da Universidade de Brasília.

Jiang et al. (2011) estudando a ligação entre bullying e prática de delitos verificou que os agressores apresentaram quase duas vezes mais condenações quando comparados aos não agressores, mesmo diante do controle por idade, sexo e outros fatores de risco na infância. Em outra pesquisa, Bijleveld et al. (2011) investigaram a relação entre *bullying* e reincidência infracional em adolescentes infratores dos sexos masculino e feminino que apresentavam alto risco para reincidência. Os autores contataram uma associação significativa apenas para os infratores do sexo masculino que, na época em que estudavam, teriam se envolvido em situações de *bullying* como agressores. Da mesma forma, Olweus (2011) analisando uma conexão entre *bullying* na adolescência e criminalidade adulta, evidenciou que os agressores do sexo masculino apresentaram quantidade cinco vezes maior de condenações se comparados àqueles que não eram agressores em situações de *bullying*, ao longo da adolescência.

No Brasil, em virtude dos estudos sobre o fenômeno bullying ainda serem muito recente, os casos de processos na justiça utilizam princípios do Código do Consumidor, da Constituição Federal e do Código Civil, para, nos casos específicos, mover ação indenizatória para as vítimas em virtude dos momentos vividos nesta situação (MEDEIROS, 2012). O comportamento discriminatório dos agressores fere acintosamente a dignidade de suas vítimas, violando direitos do ofendido, incidindo, portanto, em dano moral, favorecendo as vítimas requererem judicialmente seu devido ressarcimento. Alega-se que as situações de agressões físicas e

verbais, e de maneira constante, ferem o direito da vítima no que cerne as garantias previstas no artigo 5º da Constituição Federal.

Segundo Gomes (2011) nas manifestações do fenômeno bullying é possível perceber que as atitudes agressivas contra outro estudante violam diversos direitos constitucionais, como o Art. 5º da Constituição Federal em que se lê “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988). Os atos julgados infracionais são equiparados à injúria, calúnia, difamação, ameaça, lesões corporais, homofobia e ao racismo Medeiros (2012) reportou que a grande dificuldade está justamente na falta de objetividade quando se trata do bullying, pois se faz necessário adequar as situações vivenciadas no fenômeno a outras previstas em lei, o que pode prejudicar o processo e a junção de provas pelo requerente.

É essencial que as universidades preparem seus alunos a requisitarem ajuda, de maneira que os responsáveis pela administração dos inquéritos sejam bem preparados para melhor resolubilidade dos casos. Outrossim, é reponsabilidade da universidade a proteção do estudante, bem como prover um ambiente físico e virtual seguro (WOZENCROFT et al., 2015). Nessa ótica, é cabível aos superiores nas instituições de ensino superior a realização de medidas antibullying, uma vez que as vítimas são prejudicadas psico e emocionalmente, sem contar que têm seu rendimento acadêmico deturpado. Assim como acadêmicos, familiares, bem como educadores e administradores das instituições devem estar cientes dos reflexos do mal-uso do ciberespaço, e devem, assim, acatar medidas protetivas para com as vítimas (FARYADI, 2011). Para isso, é fundamental que os responsáveis pela formulação das políticas considerem aspectos como gênero e sexualidade, uma vez que essas variáveis têm papel importante na tomada decisões. Adicionalmente, raça, condição socioeconômica e deficiência devem ser considerados, contudo ainda há incerteza de como essas variáveis se relacionam com os casos de cyberbullying (FAUCHER, JACKSON, CASSIDY, 2018).

Considerações Finais

O *bullying* é um fenômeno social complexo que tem apresentado elevada incidência no ambiente escolar nas últimas décadas. Este acontecimento tem se manifestado nas universidades na forma de agressão verbal, motivado através de atitudes de raiva motivada por apelidos. Além disso, tem-se verificado entre os envolvidos a ocorrência de violência

psicológica caracterizada por situações de humilhação e perseguição. Geralmente, as vítimas do bullying possuem traços diferenciados como a orientação sexual e/ou a identidade de gênero, tornando-as suscetíveis à violência, destacando-se principalmente mulheres, LGBTs e deficientes físicos. Pesquisas tem evidenciado a relação entre *bullying* e reincidência infracional em adolescentes infratores dos sexos masculino e feminino que apresentavam alto risco para reincidência.

Referências

- ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. A. Homofobia na Escola: Relatos de Universitários sobre as Piores Experiências. **Trends in Psychology**, v. 23, n. 3, p. 663-676, 2015.
- ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. A. Impact of the worst school experiences in students: A retrospective study on trauma. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v.25, n.62, p. 343-351, 2015.
- BEJEROT, S.; EDGAR, J.; HUMBLE, M. B. Poor performance in physical education – a risk factor for bully victimization: A case–control study. **Acta Pædiatrica**, 100, p. 413–419, 2011.
- BIJLEVELD, C.; VAN DER GEEST, V.; HENDRIKS, J. Bullying and (re)offending: Results from three samples in the Netherlands. **Criminal Behaviour and Mental Health**, v. 21, n. 2, p.145-150, 2011.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988.
- ÇELIK, S.; ATAK, H.; ERGUZEN, A. The Effect of Personality on Cyberbullying among University Students in Turkey. **Eurasian Journal of Educational Research**, n. 49, p. 129-150, 2012.
- CHADAGA, A. R.; VILLINES, D.; KRIKORIAN, A. Bullying in the American Graduate Medical Education System: A National Cross-Sectional Survey. **Plos One**, v. 11, n. 3, p.1-14, 2016.
- COWIE, H.; MYERS, C. Bullying amongst University Students in the UK. **The International Journal of Emotional Education**. v. 6, n.1, p. 66-75, 2014, 2014.
- DE WET, C., 2013, ‘Educators’ perspectives on risk factors for learner-on-learner bullying’, **Koers – Bulletin for Christian Scholarship**, v.78, n.3, 2013.
- DONOHUE, M. O. et al. Percepción de bullying en alumnos de sexto año de la escuela de medicina de una universidad pública de Lima 2015. **An Fac Med**. 2016, v. 77, n.3, p. 231-6, 2016.
- ELIZA AHMED, E.; BRAITHWAITE, V. Bullying and victimization: cause for concern for both families and schools. **Social Psychology of Education**, v.7, p. 35–54, 2004.
- FAUCHER, C.; JACKSON, M.; CASSIDY, W. What Parents Can Do to Prevent Cyberbullying: Students’ and Educators’ Perspectives. *Soc. Sci.* v. 7, 2018.
- FARYADI, Q. Cyber bullying and academic performance. *International Journal Of Computational Engineering Research*. v.1, n.1, 2011, p.27-34, 2011.

GOMES, M. M. **O bullying e a responsabilidade civil do estabelecimento do ensino privado**. Jus Navigandi, Teresina, 2011.

IGBINWEKA, V. O.; IGUODALA, W. A.; SUIGWEE, A. B. Undergraduate Students' Infractions and the Administration of Social Justice in Nigerian Universities. **Journal of Education and Learning**; v. 5, n. 4, p. 181-189, 2016.

JIANG, D.; WALSH, M.; AUGIMERI, L. K. The linkage between childhood bullying behaviour and future offending. **Criminal Behaviour and Mental Health**, v. 21, n.2, p.128-135, 2011.

LAMPRIDIS, E. Stereotypical Beliefs about Cyber Bullying: An Exploratory Study in terms of Myths. Copyright © 2015 Horizon Research Publishing All rights reserved.

LAWLER, J. P.; MOLLUZZO, J. C. A Comprehensive Survey On Student Perceptions Of Cyberbullying At A Major Metropolitan University. **Contemporary Issues In Education Research**, v. 8, n. 3, p. 159-170, 2015.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr.** Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MEDEIROS, A. V. M. O fenômeno bullying [manuscrito]: (in) definições do termo e suas possibilidades. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2012.

MIRANDA, M. I. F. et al. Conduta de acadêmicos de uma universidade da região amazônica frente ao bullying. **Enfermagem em Foco**, v.3, n.3, p.114-118, 2012.

MOHER, D. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 62, n.10, p. 1006-1012, 2009.

MUNOZ, S. et al. Systematic literature review and meta-analysis: basic notions about its design, interpretation and application in health research. In: Brazilian Nursing Communication Symposium, 8, 2002, São Paulo. **Proceedings online**. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, 2002.

NABUZOKA, D. Teacher Ratings and Peer Nominations of Bullying and Other Behaviour of Children with and Without Learning Difficulties. **Educational Psychology**, v. 23, n. 3, p.307-321, 2003.

NUNES, T. S.; TOLFO, S. R.. Políticas y prácticas de prevención y combate al acoso moral en una universidad brasileña. **Salud trab.** (Maracay), v.20, n.1, p.61-73, 2012.

OLWEUS, D. Bullying at school and later criminality: Findings from three Swedish community samples of males. **Criminal Behaviour and Mental Health**, v. 21, n. 2, p.151-156, 2011.

ORTEGA, M. V.; LOZANO, J. J. M.; TRISTANCHO, S. L. Z. Factores asociados al bullying en instituciones de educación superior. **Revista Criminalidad**, Bogotá, v. 58, n. 2, p.197-208, 2016.

PAREDES, O. et al. Bullying" en las facultades de medicina colombianas, mito o realidad. **Revista Med**, v.18, n. 2, p. 161-172, 2010.

PERRY, D. G.; HODGES, E. V. E.; EGAN, S. K. Determinants of chronic victimization by peers, IN: J. Juvonen & S. Graham (eds.), Peer harassment in schools. The plight of the vulnerable and victimized, p. 73–104, 2001.

QAMAR, K.; KHAN, N. S.; KIANI, M. R. B. Factors associated with stress among medical students. **J Am Coll Health**. v. 65, n. 7, p. 753-755, 2015.

- QUEZADA, M. T. P.; NAVARRO, J. C. C.; LÓPEZ, L. A. L. Violencia virtual y acoso escolar entre estudiantes universitarios: el lado oscuro de las redes sociales. **Innovación Educativa**, v.15, n.68, p. 33-47, 2015.
- RAMOS-JIMÉNEZ A, et al. Prevalence of bullying by gender and education, in a city with high violence and migration in Mexico. **Rev Panam Salud Publica**, 2017.
- REÁTIGA, M. E. Los recuerdos del maltrato entre compañeros en la vida escolar. **Psicología desde el Caribe**. Universidad del Norte, n. 23, p. 132-147, 2009.
- RÍOS, O. L. H.; MARTÍNEZ, M. L.; MACKENZIE, S. J. V. El maltrato entre iguales por abuso de poder en el contexto universitario: incidencia, manifestaciones y estrategias de solución. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 11, n. 3, p.793-802, 2011.
- RUIZ-RAMÍREZ, R. et al. Manifestaciones del bullying en la Preparatoria Agrícola. Universidad Autónoma de Chapingo, México. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v.15, n. 2, p. 1149-1163, 2017.
- RÍOS, O. L. H; MARTÍNEZ, M. L; MACKENZIE, S. J. V. Bullying in the university context: incidence, manifestations and solving strategies. **Univ. Psychol.** Bogotá, Colombia, v. 11, n. 3, p. 793-802, 2012.
- ROSALVA, R.; ROSARIO, A. Violencia de género en instituciones de educación. **Ra Ximhai**, El Fuerte, v 12, n. 1, p. 21-32, 2016.
- SÁNCHEZ NF, RANKIN S, CALLAHAN E, et al. LGBT trainee and health professional perspectives on academic careers—facilitators and challenges. **LGBT Health**, v.2, n. 4, p. 346–356, 2015.
- SÁNCHEZ, F. C. et al. Prevalence and patterns of traditional bullying victimization and cyber-teasing among college population in Spain. **BMC Public Health**, n. 16, p.176, 2016.
- SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.17, n.2, p.329-338, 2013.
- SMITH, P. K.; RIGBY, K.; PEPLER. Looking back and looking forward: implications for making interventions work effectively. In P. K. Smith, D. Pepler, & K. Rigby (Eds.), *Bullying in schools: How successful can interventions be?* (pp. 307-324). New York, NY, US: Cambridge University Press, p. 307-324, 2004.
- SWEARER, S. M. et al. What Can Be Done About School Bullying? **Educational Researcher**, v.39, n.1, p.38-47, 2010.
- TOIRKENS-NIKLITSCHK, J. et al. Escala de experiência de ostracismo para Adolescentes: propriedades psicométricas en estudiantes de carreras de la salud. **Ciência y Enfermería**, p.77-87, 2017.
- TRUJILLO, J. J.; ROMERO-ACOSTA, K. Variables que evidencian el bullying en un contexto universitario. **Revista Encuentros**, Universidad Autónoma del Caribe, v. 14, n.1, p.41- 54, 2016.
- USTA, E. University Students' Views about Their Cyber bullying Behaviors and Self-Exposition. **Journal of Education and Practice**, v. 8, n.22, p. 67-71, 2017.
- VERGEL O. et al. Factores asociados al bullying en instituciones de educación superior. **Rev. Crim.**, Bogotá, v. 58, n. 2, p. 197-208, 2016.

VILLACA, F. M.; PALACIOS, M. Concepções sobre assédio moral: bullying e trote em uma escola médica. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v.34, n.4, p. 506-514, 2010.

WALRAVE, M.; HEIRMAN, W. Cyberbullying: Predicting victimization and perpetration. *Children & Society*, v. 25, p.59–72, 2011.

WENSLEY, K.; CAMPBELL, M. A. Heterosexual and nonheterosexual young university students' involvement in traditional and cyber forms of bullying. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 15, n.12, p. 649-654, 2012.

WILLIAMS, L. C. A. et al. Efeitos a longo prazo de vitimização na escola. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, v. 4, n.2, p. 187-199, 2011.

WOZENCROFT, K. et al. University students' intentions to report cyberbullying. **Australian Journal Of Educational & Developmental Psychology**, v. 15, p.1-12, 2015.

YBARRA, M. L.; MITCHELL, K. J. Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. **Journal Of Child Psychology And Psychiatry**, v.45, n.7, p.1308-1316, 2004.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

GADELHA, Maria do Socorro Vieira; SANTOS, Ranyelson Lucas Matias; FERREIRA, Maria Eduarda do Nascimento; COSTA, Diego Oliveira; ARAÚJO, Maria Luana; ROQUE, Joaquim Iarley Brito. Bullying nas Instituições de Ensino Superior: Revisão Sistemática. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.44, p. 357-373. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 11/01/2018

Aceito 02/02/2019